

METÁFORAS E A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA – UMA ANÁLISE CRÍTICA

METAPHORS AND THE DISCURSIVE CONSTITUTION – A CRITICAL ANALYSIS

Neiva Maria Machado Soares¹

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Josenia Antunes Vieira²

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

Este artigo recupera metáforas associadas ao contexto de guerra utilizadas no primeiro período da pandemia de Covid-19, a fim de verificar se esse emprego constrói representações da realidade ou se constitui em uma dissimulação de práticas. O referencial teórico está em Lakoff e Johnson (2002), na área médica, em Sontag (1984). O *corpus* compõe-se de nove manchetes e lides divulgadas em *sites* jornalísticos, médicos e governamentais, nos anos de 2020 e 2021, que versaram sobre o tema “vencer a guerra contra Covid”. Justifica-se esta pesquisa porque as metáforas estão presentes no nosso dia a dia e seu uso vai além de uma figura estilística. A análise revelou que a metáfora de guerra construiu representações coletivas para as pessoas como se estivessem em guerra e dissimulou situações em termos de outras representações, levando a um falso entendimento dos fatos, o que pode ter resultado em certas ações, embora não fossem adequadas.

Palavras-chave: Metáforas. Pandemia. Guerra. Representação coletiva e dissimulação.

ABSTRACT

This article recovers metaphors associated with the war context used in the first period of the Covid-19 pandemic, in order to verify whether this use builds representations of reality or constitutes a dissimulation of practices. The theoretical reference is in Lakoff and Johnson (2002), on the medical area with Sontag (1984). The corpus contain nine headlines and leads published on journalistic, medical and government websites, in the years 2020 and 2021, which dealt with the theme “winning the war against Covid”. This research is important because metaphors are in our daily lives and their use goes beyond a stylistic figure. The analysis revealed that the war metaphor constructed collective representations for people as if they were at war and disguised situations in terms of other representations, leading to a false understanding about facts, which may have resulted in some actions, although they were not adequate.

Keywords: Metaphors. Pandemic. War. Collective representation and dissimulation.

Introdução

Os anos 2020 e 2021 evidenciaram-se desafiadores para toda a população mundial. No período de 2020, a linguagem operou de inúmeras formas como um elemento marcante e novos léxicos associados ao contexto da pandemia despontaram. Assim, este artigo visa trazer à

¹ Endereço eletrônico: nemsoa@hotmail.com

² Endereço eletrônico: josenia.unb@gmail.com

discussão a operacionalização e o funcionamento das metáforas verbais utilizadas nas mídias durante esse período.

Em uma pesquisa no Google, a metáfora de guerra – *precisamos vencer a guerra contra covid-19* obteve um número aproximado de 584.000 vezes (0,76 segundos)³ de buscas. Isso evidencia o quanto as pessoas se apoiam nesse recurso argumentativo. Logo, pode-se pensar que talvez a metáfora esteja longe de ser um elemento acessório e estilístico ao discurso, constituindo em uma ferramenta associada a práticas cotidianas inclusive no contexto pandêmico não só no Brasil.

No ambiente linguístico, autores revelam o quão notável as metáforas podem ser observadas por meio de seu papel argumentativo e discursivo que dialoga com interlocutor em relação aos fatos do seu cotidiano, pois por intermédio de analogias conceituais, possibilitam que informações particulares se tornem mais próximas. Assim, as metáforas de guerra associadas à pandemia buscam retratar o que se passou nesses dois anos, porque, obviamente, foi um momento que resultou em novas práticas sociais em diferentes âmbitos, e a linguagem caminhou nesse sentido pelo emprego de recursos linguísticos que atendessem a esse contexto. Ressalta-se que o escopo, desta pesquisa, é verificar se esse uso pode se constituir em uma forma de dissimulação via subjetividades ou em uma representação da realidade ao buscar levar as pessoas a agir como em um campo de batalha de fato.

Fundamentação teórica

A metáfora, na visão de muitos estudiosos, corresponde a um recurso poético e a um ornamento retórico. É usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento e ação. Nesse sentido, muitas pessoas pensam que podem viver sem as metáforas. No entanto, para Lakoff e Johnson (2002), as metáforas estão infiltradas na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Os autores acreditam que o sistema conceptual-ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos é metafórico por natureza. É acreditando nesse preceito que este trabalho toma como referente basilar a proposta adotada por esses semanticistas, anteriormente filiados a uma linha de estudos voltada a uma perspectiva gerativista americana e que descobriu ao longo de seus estudos como as questões de uso da linguagem e seu

³ Consulta em 15 de novembro de 2020, com salto para aproximadamente 5.770.000 resultados (0,46 segundos) em 12 de dezembro de 2021, impulsionado talvez pela nova variante Ômicron.

“cotidiano” também são importantes sinais do funcionamento cognitivo relacionado à forma como pode ser percebida e utilizada.

Os autores consideram as metáforas em forma de conceitos, sendo eles mecanismos que podem governar até mesmo as atividades mais triviais. Isso se faz pela percepção, pelo comportamento e pelos relacionamentos com as outras pessoas, o que pode levar assim à definição de nossa realidade cotidiana. Afirmam que o pensamento, as experiências e os fazeres de todos os dias são uma questão de metáfora. Ressaltam, no entanto, que muitas vezes não há uma consciência desse fato, porque pensamos e agimos de forma automática. Uma saída para materialização seria por meio da linguagem, visto que a comunicação é baseada no mesmo sistema que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de como o sistema é.

SOARES, 2016, p.7-8, observa que no Brasil, a todo momento, as pessoas reforçam paradigmas por meio de metáforas, por exemplo, as do futebol: “Precisamos vencer o jogo da vida”; “Em time que está ganhando não se mexe”; “A equipe fez um golaço”; as metáforas das edificações são naturalmente empregadas como em: “Precisamos construir nosso alicerce”; “Sua carreira foi construída em bases sólidas”. Os exemplos também apontam para uma construção ideológica que pode estar diluída nos diferentes discursos e revelar identidades situadas. Podemos refletir até que ponto as metáforas são construções positivas da realidade ou por vezes são mecanismos delimitadores de formas de pensar o mundo; por exemplo, é muito frequente em épocas de Copa do Mundo usar a expressão a “Pátria de chuteiras”, em referência ao Brasil. No entanto, nem todas as pessoas veem assim e não desejam que o país seja representado dessa maneira. Assim, tais analogias podem não se constituir em referenciais tão positivos quanto almejado, principalmente, se pensarmos de onde vêm essas orientações. Em muitos casos, do universo político e midiático, ambientes que têm interesses em direcionar a população a ter dadas visões de mundo para servir a seus interesses.

Talvez por conduzirem certas representações, há autores que afirmam que, embora as metáforas se apresentem de maneira evidente nos discursos de modo geral, devem ser evitadas. Isso que advém da crença de que a linguagem é interdependente da cognição e de que a linguagem figurativa é apenas um embelezamento da linguagem literal, com pouco valor cognitivo, tais crenças repercutem na forma como a linguagem é entendida (LENZ, 2013, p.32).

A metáfora tem sido caracterizada de várias maneiras, como comparação, contraste, similaridade, identidade, fusão, assinalada como um fenômeno abrangente, afetando não apenas a linguagem, mas também o próprio sistema de pensamento e de categorização do real e ação humana (VILELA, 2002, p.63). Fornecem, de forma despercebida, linhas e esquemas para o

pensamento (KRESS, 2010, p. 30-1). O autor afirma ainda que todos os “signos são metáforas”, justificado pelo fato de que os signos estão sempre dizendo alguma coisa sobre o que estamos vivendo.

Na concepção de McCabe (2016), as metáforas decorrem de fenômenos semânticos associados a fatores de generalização, especialização e melhoramento que têm como consequência mudança na linguagem. Referem-se à extensão de significado de uma palavra a conceitos que têm de algum modo propriedades similares. Cita como exemplo a palavra *mouse*, um roedor, mas que também se refere ao instrumento utilizado com computadores. Conseguimos, assim, perceber extensões metafóricas a trabalhar na linguagem. Fenômeno esse que se refere a inúmeras palavras em todas as línguas, em português podemos pensar em *crânio*, que seria a caixa cerebral, mas que por extensão pode ser associado à pessoa inteligente (Ele é um *crânio*).

Na ótica da Gramática Sistêmico-Funcional, há o fenômeno da nominalização que algumas vezes pode ser denominado de metáfora ideacional ou experiencial e metáfora gramatical que está associada a uma mudança ou transferência de sentido (BUTT et al., 2001, p.76). Metáforas lexicais utilizam processos relacionais que podem ser empregados para descrever ou definir algo. Originam-se de uma passagem congruente para incongruente de uso e significado da linguagem, por exemplo: A garota era pequena (congruente e possível o sentido); A garota era uma boneca (incongruente ou sentido metafórico).

Nas concepções de Lakoff e Johnson, a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, meras palavras. Os autores argumentam que os processos de pensamento são em grande parte metafóricos, e as metáforas como expressões linguísticas são possíveis por existirem no sistema conceptual de cada um de nós. Assim, *DISCUSSÃO É UMA GUERRA*, é uma metáfora e deve ser entendido como expresso a seguir.

DISCUSSÃO É UMA GUERRA	
Vocabulário da guerra	Processos associados à guerra
Indefensável estratégia nova linha de ataque ataque derrota armas certas	Vencer Ganhar o terreno Derrotar o inimigo Atingir o alvo Atacar uma posição Usar as armas

Quadro 1 – Vocabulário associado à metáfora *Discussão é uma Guerra*
Adaptado com base em Lakoff e Johnson (2002).

A associação de discussão à guerra pode ser explicada porque guerra caracteriza parcialmente o conceito de discussão. Para os autores, podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos, porque expressões metafóricas estão ligadas a conceitos metafóricos. Dessa forma, levando a compreender a natureza metafórica de nossas atividades.

Tomamos, nesta produção, a referência dos autores à metáfora de guerra, no entanto, não mais voltado à *discussão*, mas à pandemia – *Vencer a guerra contra o Covid*. Viver em uma guerra é uma situação experienciada por poucos, mesmo assim, as pessoas têm representações do que seja estar na situação, os problemas decorrentes, o que pode ser feito para tentar contornar ou vencer um adversário, as estratégias que podem ser colocadas em operação. A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48).

A proposta dos autores é uma das que melhor ilustram e realçam o papel e a importância da metáfora na organização de conceitos de nosso cotidiano. Trazem como exemplo a metáfora *tempo é dinheiro*, que está associada a conceitos como *Você está desperdiçando seu tempo*; *Não tenho tempo a perder*; *Você deve calcular bem o seu tempo*; *Tenho investido muito tempo nela*. Essa metáfora organiza tantos sistemas em nossa sociedade que desde o trabalho até o tempo ao telefone é mensurado economicamente via tempo.

Os autores evidenciam que o objetivismo é um mito e ressaltam que desde a antiguidade grega havia a tensão entre a verdade de um lado e arte de outro. Parece haver um certo consenso de que a metáfora está associada ao subjetivismo e de que não existe um objetivismo, de fato, no trato da linguagem. Todavia, autores de outros ambientes científicos criticam o uso exacerbado de metáforas, principalmente, no que se refere às doenças, como antigamente a tuberculose, e hoje o câncer, em ambos os casos, os pacientes eram rotulados como seres portadores de males transmissíveis e sentenciados a um único fim. Sontag, em seu livro *A doença como metáfora*, afirma:

DUAS DOENÇAS foram, intensamente e de modo similar, sobrecarregadas com ornamentos da metáfora: a tuberculose e o câncer. As fantasias inspiradas pela tuberculose no século passado, e pelo câncer agora, constituem reflexos de uma concepção segundo a qual a doença é intratável e caprichosa – ou seja, um mal não compreendido numa era em que a premissa básica da medicina é a de que todas as doenças podem ser curadas. Tal tipo de enfermidade é misterioso por definição. Pois enquanto não se compreendeu a sua causa, e as prescrições dos médicos mostraram-se ineficazes, a tuberculose foi considerada uma insidiosa e implacável ladra de vidas. Agora é a vez do câncer ser a doença que não bate a porta antes de entrar. E o câncer que

desempenha o papel de enfermidade cruel e furtiva, um papel que conservará até que, algum dia, sua etiologia se torne tão clara (1984, p.1).

Para a pesquisadora, as metáforas ligadas à tuberculose e ao câncer implicam ativos processos de natureza particularmente horrível. Nesse caso, já podemos avaliar o quanto a subjetividade, quando direcionada a certos temas, como os da medicina, pode impactar na vida das pessoas, visto que é comum não se mencionar, hoje em dia, a palavra câncer, que conduz a uma sentença de morte, atribuição essa decorrente da falta de conhecimento da sociedade sobre a doença. A autora menciona que em certos países não se pode informar ao paciente que ele tem um câncer, ou seja, entende-se que o paciente não está preparado para suportá-lo. Dessa forma, esses comportamentos impedem a pessoa de superar a doença. Certos indivíduos evitam até pronunciar a palavra câncer e usam termos associados como ‘aquela doença’ ou até siglas com CA, visto a carga negativa que consideram que a palavra conduz. Em tempos de pandemia, não podemos negar que estar com Covid também transporta certas orientações, obviamente, se retomarmos às imagens massificadas na mídia nos últimos dois anos. Logo, podemos mensurar que as metáforas ao mesmo tempo que constroem representações ou recortes de temas na sociedade podem também gerar impactos sociais quando tais representações direcionam apenas um olhar de julgamento.

Metodologia

Para cumprir o objetivo da pesquisa, para esta análise, selecionamos um *corpus* de nove textos, com temática de combate à COVID, priorizando o título e o lide (parágrafo inicial da notícia ou reportagem) que apresentaram a temática associada à metáfora de guerra no período da pandemia, compreendido entre os anos de 2020 e 2021.

Como referencial teórico e analítico, recorreremos aos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), cujo aspecto linguístico e semântico é priorizado, também à Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2016; 2003), no que se refere à prática textual quanto à seleção do vocabulário, elementos lexicais e organização na sentença de cada uma das metáforas selecionadas no contexto da mídia digital.

Análise do *corpus*

Texto 1

Covid-19: China lidera corrida por vacina em 'ritmo de guerra'

Com três candidatas entre as mais avançadas do mundo, país oriental já possui duas fábricas para produção em larga escala (7/7/2020)

A China está na dianteira da corrida para desenvolver uma vacina que controle a pandemia da **covid-19**. A **vacina experimental** da SinoVac Biotech deve se tornar a segunda do país e a terceira do mundo a entrar na fase final de testes ainda neste mês.

Fonte: Covid-19: China lidera corrida por vacina em 'ritmo de guerra' - Notícias - R7 Saúde - 2020

Metáfora	Itens lexicais associados ao contexto bélico-guerra	Processos do contexto guerra-militar	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
China lidera corrida por vacina em ' ritmo de guerra '	guerra	liderar	...a pandemia da covid-19

O Texto 1, de julho de 2020, tem como tema principal a vacina, que ganha a seguinte manchete: *China lidera corrida por vacina em 'ritmo de guerra'*. O alvo agora não é mais diretamente o vírus, mas quem produz mais vacina, quem distribui e quem é vacinado, essa realidade está mantida em 2022. A metáfora macro de guerra é mantida, mas o viés está direcionado às vacinas. Os itens lexicais *lidera* e *corrida* fazem revelar uma metáfora de competição ou metáfora da economia, pois no lide apresenta elementos desse contexto, que são *fábricas* e *produção em larga escala*. Elementos esses que remetem a algo muito peculiar ao âmbito produtivo da China em relação ao rol de produtos que advêm de seu mercado e invadem lojas em todo o mundo. Nesse caso, só mudaríamos o que é produzido, mas pelo que sugere a notícia, se ganhar a competição de fato, a China também seria campeã na distribuição de mais um produto, e os cidadãos do mundo se tornariam novamente consumidores de um novo item do comércio chinês. A metáfora pode dissimular relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos e grupos nela implicados como possuidores de características que realmente não possuem, impondo sobre os indivíduos um sentido positivo ou negativo (THOMPSON, 2009).

Texto 2

Epidemiologistas explicam por que a China pode vencer a guerra contra Covid-19

Um mecanismo coordenado e uma ação rápida explicam por que a China pode vencer a batalha contra a pandemia da Covid-19, de acordo com Zeng Guang, um dos principais epidemiologistas chineses, enquanto os casos do novo coronavírus no continente chinês estão perto de serem eliminados, apesar das emergências esporádicas, noticiou a South China Morning Post.

Fonte: Diário do Povo Online 17.07.2020 11h18

Metáforas	Itens lexicais associados ao contexto bélico-guerra	Processos do contexto guerra-militar	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
China pode vencer a guerra contra Covid-19	Guerra batalha	Vencer	a guerra contra Covid 19
vencer a batalha contra a pandemia da Covid-19,	Um mecanismo coordenado e uma ação rápida	Vencer	a batalha contra a pandemia da Covid 19
os casos do novo coronavírus no continente chinês estão perto de serem eliminados.	...estão perto de serem eliminados,	Eliminar	Casos do novo coronavírus

O Texto 2, também de julho de 2020, com extração do título e do lide, mencionava a questão de vencer a guerra contra a Covid-19 via metáfora. Nesse primeiro ano, havia ainda poucas informações sobre as diferentes orientações do vírus, e a palavra guerra, nesse cenário, revelou-se ainda mais impactante e seu uso foi reiterado. As metáforas, como demonstrado, relacionam-se a dois itens lexicais recorrentes em um cenário de batalha em que se almeja vencer a *guerra* ou a *batalha*, mas, nesse caso, o ator social alvo é a *pandemia* e a *Covid 19*. O emprego da metáfora bélica, em um momento em que a população e as autoridades médicas ou não ainda decidiam que ações seriam mais adequadas, ao mesmo tempo que teve um desenrolar positivo, levando pessoas a tomarem atitudes de prevenção contra o vírus, pode ter causado pânico, ansiedade e falta de empatia entre as pessoas, situações essas comuns em um possível contexto de guerra em que as pessoas almejam salvar as próprias vidas. Na manchete do texto que traz a metáfora, há uma modalização por meio do verbo *poder*, uma vez que não se pode precisar que de fato a China venha vencer essa ‘guerra’. A utilização do verbo modal *poder* dá ao enunciado um tom menos impositivo, visto que o produtor do texto não deseja manifestar sua posição de forma explícita (SOARES, 2016a). A modalidade epistêmica apresentada é mais frequente quando trata de temas que envolvem a área de saúde, como é o caso. Observa-se também, nessa sentença, om as pessoas se estão vencendo ou não, mas cita o império chinês como o possível detentor do título de vencedor a batalha, o interesse político acima do social. Assim como o texto 1, neste, o foco da metáfora da guerra está no ator principal, a China, como o país que poderá vencer a batalha.

Retomando Lakoff e Johnson (2002), as metáforas apresentam-se na forma de conceitos, sendo eles mecanismos que podem governar até as atividades mais triviais. Isso se faz pela percepção, pelo comportamento e pelos relacionamentos com as outras pessoas. Nesse sentido, seria razoável discutir o uso equilibrado das metáforas porque não podemos construir representações e conceitos que de certa forma rotulem e delimitem formas de agir e pensar em sociedade.

Texto 3

COVID-19: PODEMOS VENCER A GUERRA?

COVID 19 Equipe de Resposta Global Hadassah. Austrália. Notícias de nossas unidades de pesquisa. 14 junho, 2020.



Existe um caminho para a vacina? Existem novos tratamentos terapêuticos? Será que algum dia **venceremos esse inimigo** viral silencioso?

Em um webinar internacional facilitado pelo Hadassah Austrália na quinta-feira, 21 de maio, o jornalista médico Dr. Norman Swan foi acompanhado pelo Prof. Eyal Mishani, chefe de pesquisa e desenvolvimento da Hadassah Medical Organization, Israel; Sharon Lewin AO, diretora do Instituto Doherty; e Dr. Russell Basser, vice-presidente sênior de pesquisa e desenvolvimento da Seqirus, uma empresa líder global em biotecnologia.

Fonte: [COVID-19: PODEMOS VENCER A GUERRA? - Hadassah Brasil](#)

Metáforas	Itens associados ao contexto guerra	lexicais ao bélico-	Processos do contexto guerra-militar	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
PODEMOS VENCER A GUERRA? Can we win the war?	Guerra		Vencer a guerra	A guerra ...
Será que algum dia venceremos esse inimigo silencioso?	Inimigo silencioso	viral	Venceremos	esse inimigo viral silencioso

O Texto 3, voltado ao âmbito da saúde e biotecnologia, apresenta no lide os participantes identificados, relacionados a esse contexto. Da mesma forma que o anterior, utiliza metáforas de guerra e também está modalizado, nesse caso, pelo emprego de sentenças como: *podemos vencer* e *será que*. Atribui-se ao fato de naturalmente o texto da área direcionado à saúde buscar ser menos enfático e levantar questões em busca de repostas e não necessariamente fornecê-las antecipadamente. Até porque em junho de 2020, estávamos no auge da pandemia e pouco se sabia como seria o seu desenrolar. Itens lexicais bélicos como *guerra* e *inimigo* reforçam a presença da metáfora de guerra e a incerteza quanto ao direcionamento ao tratar de um tema tão delicado. O uso de uma oração na forma interrogativa lança para o interlocutor um desafio e um questionamento a que, possivelmente, o próprio produtor não tenha a resposta. Chama atenção nesse texto o emprego do nós inclusivo em *podemos*, em que o produtor do texto insere também o leitor como participante, nesse caso, seria o jornal e os leitores ou cidadãos de modo geral. Quanto ao alvo da guerra, temos itens lexicais como: *inimigo viral silencioso*. Assim, a metáfora está mantida, mas de certa forma busca-se modalizar quando aponta esse alvo a vencer. Diferente do texto anterior em que o vírus está sinalizado como o alvo da luta, nesse o vírus não é nominalizado. Covid aparece apenas na manchete e o ator visado está dissimulado em *inimigo viral silencioso*, pertencendo ao domínio da metáfora de guerra também.

Texto 4

Estamos longe de vencer a guerra contra a covid-19', diz Biden

Presidente da América do Norte comemorou a aceleração do ritmo da vacinação, mas pediu para que americanos não baixem a guarda diante de uma alta dos contágios

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, comemorou nesta segunda-feira (29/3/21) a aceleração do ritmo da vacinação contra a covid-19 em seu país, o mais afetado do mundo pela pandemia, mas pediu aos americanos que não baixem a guarda diante de uma alta dos contágios.

"Nosso trabalho está longe do fim. Estamos longe de vencer a guerra contra a covid-19", disse o presidente na Casa Branca em declarações televisionadas.

"Estamos em uma batalha de vida ou morte com o vírus, que está se espalhando rapidamente com o aumento de casos, novas variantes e, infelizmente, alguns dos comportamentos imprudentes que temos visto na televisão nas últimas semanas trarão novos contágios", acrescentou.

Fonte: 'Estamos longe de vencer a guerra contra a covid-19', diz Biden (correio braziliense.com.br)

Metáfora	Itens lexicais associados ao contexto bélico- guerra	Processos do contexto guerra-militar	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
Estamos longe de vencer a guerra contra a covid-19'	Guerra	<i>Vencer</i>	Covid 19
não baixem a guarda	Guarda	Não <i>baixem</i> a guarda	---
Estamos em uma batalha de vida ou morte com o vírus.	Batalha de vida ou morte	<i>Estamos</i> em uma batalha	<i>O vírus</i>

O Texto 4, do segundo ano da pandemia, 2021, apresenta o discurso de Biden, muito divulgado na internet, até pelo fato de ser presidente dos Estados Unidos. Há o emprego bastante pontual das metáforas ao conclamar a população para entrar em campo de batalha contra o inimigo mortal, ou seja, o vírus da Covid. Ao empregar esses recursos, ressalte-se o imperativo muito característico do contexto político em que ordena que as pessoas não baixem a guarda, assim como faz um soldado quando está frente ao inimigo no campo de batalha. Como os Estados Unidos se fazem presentes em muitas guerras, essa metáfora de certa forma está muito próxima da realidade vivenciada pelos norte-americanos, tornando talvez mais palpável seu emprego, diferente de nações que não têm esse escopo. Os itens lexicais *guerra* e *batalha* reforçam a metáfora bélica. Constata-se que o inimigo, metaforicamente, não é conhecido ou visto como no caso quando se luta contra pessoas ou inimigos palpáveis. Dessa forma, o discurso se torna muito mais assustador porque se luta contra algo não visto, que pode estar em toda parte. Assim, quando o ator social Biden convoca a população para resistir ao inimigo, esse adversário toma outra proporção, ele é redimensionado e sua periculosidade também. Ao lançar mão dos itens em oposição *vida* ou *morte* ressalta que as pessoas não têm outra saída a não ser seguir na batalha visceral, embora não se saiba até quando. Covid aparece como alvo da guerra em percurso. Há também o uso do nós inclusivo – *estamos* – tornando o público partícipe do processo de lutar, ao mesmo tempo que conclama à participação.

Texto 5

Juntos podemos vencer essa guerra. Por Elias Leite 02/03/21 10:20 - Atualizado 11:02

"A única coisa que podemos afirmar com certeza é que, para vencer essa pandemia, precisamos unir forças. Todos estamos cansados e angustiados, mas é necessário que tenhamos mais paciência e que façamos nossa parte. Cada um deve focar no que é sua responsabilidade".

Fonte: [Juntos podemos vencer essa guerra. Por Elias Leite - Focus.jor](https://www.focus.jor)

Metáforas	Itens associados ao contexto guerra	Processos do contexto militar guerra-	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
Juntos podemos vencer essa guerra	Guerra	<i>Podemos vencer</i>	<i>...Essa guerra...</i>
A única coisa que podemos afirmar com certeza é que, para vencer essa pandemia, precisamos unir forças.	forças	<i>Podemos afirmar Vencer Precisamos unir ...é necessário que tenhamos mais paciência deve focar</i>	<i>...essa pandemia...</i>

O Texto 5 apresenta, como início da sentença, o léxico *juntos* em que conclama e se inclui entre as pessoas que têm a possibilidade de vencer a guerra (fica subentendido que seja contra Covid). Parte de uma sentença modalizada – *podemos vencer*; *podemos afirmar* – para outra enfática para indicar a saída – *precisamos unir forças*. Também emprega itens lexicais do contexto bélico, como *guerra* e *forças*, que juntos constroem a metáfora de guerra. Mais uma vez o texto faz uso do nós inclusivo conferindo um tom de união em busca do bem comum, embora já se esteja há um ano na pandemia, em que essa união já foi bastante estimulada. Outrossim, observa-se que o tom discursivo não mudou e a metáfora ainda se apresenta como um mote a fim de vencer o inimigo. As locuções modalizadas vão do menos enfático para o mais enfático ao ressaltar a necessidade de união, paciência e responsabilidade para vencer a pandemia, todos os termos estavam presentes ao longo da pandemia como necessários para superar cada momento vivenciado. Nesse caso, evidencia valores característicos do ser humano que, ao longo desses dois anos, foram aos poucos sendo perdidos. Cita a guerra em curso, pandemia, mas não menciona o vírus. No entanto, a sentença *precisamos unir forças* tem como alvo vencer a pandemia, cujo causador é o próprio vírus.

Texto 6

Vacina renova a fé e a esperança da população para vencer a guerra contra a Covid-19

25/02/2021 - Marcelo Raulino

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) mais de 200 pesquisas estão em andamento no mundo



A corrida para a descoberta e produção, em tempo recorde, de imunizantes contra Covid-19 mobilizou cientistas de todo o mundo e trouxe a esperança que a cura para a maior doença do século ocorra em um tempo breve. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) mais de 200 pesquisas estão em andamento no mundo, algumas em processo bem avançado, e outras já concluídas, e com as vacinas sendo aplicadas, inclusive no Brasil, que está utilizando as vacinas da Pfizer/Biontech, Oxford/AstraZeneca e CoronaVac, aprovadas pela Anvisa.

Fonte: Vacina renova a fé e a esperança da população para vencer a guerra contra a Covid-19 « Câmara Municipal de Fortaleza (cmfor.ce.gov.br)

Metáfora	Itens associados ao contexto guerra	Itens lexicais ao contexto bélico	Processos do contexto guerra-militar	Ator Inimigo - alvo - escopo
Vacina renova a fé e a esperança da população para vencer a guerra contra a Covid-19	Guerra		Vencer	Covid-19

O Texto 6, de janeiro de 2021, adiciona a temática nova, e o termo vacina aparece no início da sentença, visto que passa a ser colocado como sinônimo de esperança na guerra contra o vírus. Por conta desse novo momento, a metáfora está alicerçada em itens lexicais de cunho positivo, como o processo *vencer* que remete ao tema da sentença que é a imunização pela vacina, o processo conduz um significado de vitória e superação. Nesse caso, observa-se que a metáfora de guerra toma espaço apenas no título e não mais no lide como observado nos textos anteriores. Os itens lexicais se direcionam talvez para o que se pode chamar de ‘metáfora da vacina’, porque todo o direcionamento discursivo encaminha-se nessa direção com itens lexicais como *imunizante, esperança, cura*. Assim, a linha de ação antes de cunho bélico, agora, é da vacina. Inclusive essa linha é a mesma que está sendo colocada em ação até o momento (fevereiro, 2022), por meio da vacinação no país.

Texto 7

Presidente do Instituto Questão de Ciência analisa como, em um momento dramático da pandemia no Brasil, o país pode vencer a guerra contra a Covid-19

Da CNN, em São Paulo. 26/03/2021 às 05:00

O **CNN Nosso Mundo** desta sexta-feira (26) entrevista a microbiologista e presidente do Instituto Questão de Ciência, Natalia Pasternak, que analisa como, em um momento dramático da pandemia no Brasil, o país pode vencer a guerra contra a Covid-19.

Natalia Pasternak é formada em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP) e PhD com pós-doutorado em Microbiologia, na área de Genética Molecular de Bactérias pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (ICB-USP).

Fonte: CNN Nosso Mundo entrevista a microbiologista Natalia Pasternak | CNN Brasil

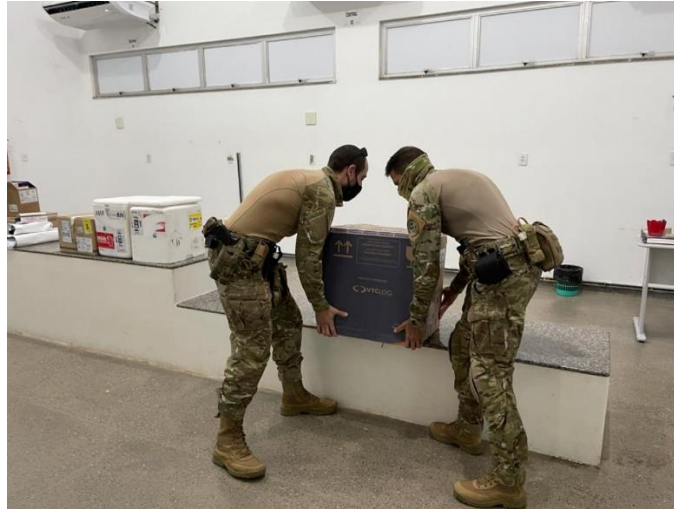
Metáfora	Itens lexicais associados ao contexto bélico-guerra	Processos do contexto guerra- militar	Ator social- Inimigo - alvo - escopo
...o país pode vencer a guerra contra a Covid-19	guerra	pode vencer	Covid-19
	momento dramático		

O texto 7, de março de 2021, sinaliza de modo menos enfático que os anteriores modalizando que o Brasil *pode vencer a guerra*. A metáfora novamente desponta para chamar atenção sobre a situação vivenciada, denominada pela maioria dos órgãos como guerra. O contexto de produção é a CNN, mas quem fez a análise foi o Instituto Biociência, logo, há como característica o emprego de textos mais modalizados e, nesse caso, o verbo *poder* compõe a locução *pode vencer*, assim, não há certeza quanto ao fato. A microbiologista apenas acena para essa possibilidade, ou seja, por não ter certeza do fato, é ‘natural’ que a guerra contra a Covid continue. Em março de 2021, muitos estados estavam passando pela segunda onda de Covid, desse modo, o emprego da modalização também vem nesse fulcro, tendo em vista a incerteza do cenário da doença.

Texto 8

GUERRA CONTRA A COVID-19 | Especialistas alertam sobre a importância de se vacinar

Escrito por Lucas Sechi - Quinta, 12 agosto 2021 13:28



Especialistas alertam a população para a importância da imunização, medida fundamental para garantir a proteção coletiva que o estado precisa para vencer a pandemia causada pela covid-19.

De acordo com a médica infectologista Alessandra Martins, é preciso deixar claro que todas as vacinas têm eficácia comprovada pelos órgãos de vigilância sanitária e pelo Ministério da Saúde e devem ser administradas na população.

Fonte: GUERRA CONTRA A COVID-19 | Especialistas alertam sobre a importância de se vacinar (portal.rr.gov.br)

Metáfora	Itens lexicais associados ao contexto bélico-guerra	Processos do contexto guerra-militar	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
GUERRA CONTRA A COVID-19	Guerra	Guerra - guerrear	A Covid- 19
...o estado precisa para vencer a pandemia causada pela covid-19.	Estado	Vencer Alertar	Pandemia causada pela Covid- 19

O Texto 8, assim como no texto anterior, tem como foco a questão da vacina, ressaltando a necessidade de se vencer a pandemia por meio desse recurso. A metáfora de guerra novamente corrobora a necessidade de vencer o inimigo único, a Covid-19. A imagem de soldados distribuindo a vacina reforça a metáfora bélica e pode contribuir também para apagar outros entendimentos que poderiam ser propostos. Com a chegada da vacina, o alvo se direciona às medidas de prevenção, que eram inúmeras, e a vacina passa ser o ponto principal nas frentes de campanha, inclusive com explicações sobre a importância de todos os imunizantes, sem distinção. Novamente, é possível perceber que dentro da metáfora de guerra que seria bem

mais abrangente surge a da vacina que aponta apenas nos aspectos positivos dessa ação, veiculados em frases enfáticas e de comando: ‘vacinas salvam vidas’.

Texto 9

E se a China vencer a guerra das vacinas?

A China vem fazendo um grande esforço de exportação de suas vacinas, enquanto os países ricos do Ocidente estão priorizando vacinar as suas populações. Isso permite a Pequim ampliar sua influência no mundo... (19/2/2021)

Fonte: <https://valor.globo.com/politica/coluna/e-se-a-china-vencer-a-guerra-das-vacinas.ghtml> ou as ferramentas oferecidas na página.

Metáfora	Itens lexicais associados ao contexto bélico- guerra	Processos	Ator social - Inimigo - alvo - escopo
E se a China vencer a guerra das vacinas?	Guerra	Se...Vencer	Guerra das vacinas...

Finalizando a análise, o Texto 9, diferente dos anteriores, indaga na manchete sobre a possibilidade de a China vencer a guerra, agora não mais contra o vírus, mas a *guerra das vacinas*. Modaliza e sinaliza para a possibilidade e questiona: *E se a China vencer a guerra das vacinas?* Por meio dessa interação com o interlocutor, especula sobre o tema, inclusive sinalizando para o fato de a China poder dominar o mundo também por esse meio, visto que já é evidente seu poderio e influência maciça na economia. O alvo perceptível na quarta coluna são as vacinas, nos textos anteriores analisados, o vírus. Assim como os Textos 1 e 2, neste a China é colocada novamente como ator principal na batalha competitiva pela produção das vacinas. Tal fato chama atenção pelo potencial econômico e pelo papel que desempenha no cenário internacional, não desconsiderando, obviamente, o fato de o vírus ter surgido naquele país.

Embora o texto seja do início de 2021, período crítico da segunda onda da doença, visualizamos uma mescla de duas metáforas que já apontamos anteriormente. De um lado, a metáfora de guerra como a metáfora macro e, de outro, contígua a ela a da vacina. Quando se referia a vencer a guerra da vacina, o produtor do texto já estimulava uma situação que demonstrava uma luta desigual e insensível, pois essa guerra não deveria existir, visto que todos

os continentes, independentes de suas ideologias, buscavam salvar suas populações. Para Carvalho et al. (2020, p. 4), podemos entender o medicamento como a metáfora da libertação, “pois não necessita de nenhum intermediário para o seu uso, tornando a solução para a doença algo não só tangível, físico, mas como algo que podemos fazer posse de maneira individual”.

Hoje, em 2022, com uma parcela significativa de pessoas vacinadas, não se pode afirmar que este ou aquele país venceu a batalha. Logo, intui-se que a pergunta se constitui em mais uma mera especulação que não contribuiu em nada, considerando que era preciso ação, união em prol de um bem comum e não de mais uma batalha vencida por um país apenas.

Para Fairclough (2016, p.149), a mídia está no negócio competitivo de ‘recrutar’ leitores, telespectadores em um contexto de mercado. Sinaliza algumas tendências linguísticas, inclusive o discurso relatado e suas nuances, bem como as metáforas, como de produtores que buscam comercializar mercadorias adaptadas a estilos de vida.

O linguista, ao analisar textos cuja temática é a guerra (mobilização para a guerra), afirma que essa metáfora tem ressonância na experiência e na mitologia popular, ou seja, as pessoas têm uma representação das duas guerras mundiais vivenciadas pela humanidade, bem como pelas outras ocorridas ao longo do século passado. Assim, é difícil as pessoas não associarem esse acontecimento a mortes, tristeza, miséria, fome, egoísmo, traição, entre outros aspectos (FAIRCLOUGH, 2016).

Como fechamento da análise é propícia a afirmação de Thompson (2009, p.73) em relação à metáfora. Ele a considera como uma forma ideológica e de dissimulação. Nesse caso, a ideologia semelhantemente ao equipamento militar, ou à tecnologia tática, pode ser uma arma para a vitória, mas não de um vencedor específico, pois ela é acessível a qualquer combate que tenha recursos e habilidades de empregá-la. Para o autor, a ideologia é uma forma de dissimulação, pois formas de dominação podem ser estabelecidas, sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem apresentadas de forma que desviem nossa atenção (p.83-4). O autor entende tropo, metáfora, metonímia e sinédoque como uso figurativo da linguagem, ou emprego de formas simbólicas, geralmente associado ao campo da literatura, mas o uso figurativo é muito mais amplo. As três formas de dissimulação podem ser empregadas para dissimular relações de dominação. Considera que a metáfora implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado. Expressões metafóricas levantam uma tensão dentro de uma sentença, por meio da combinação de termos extraídos de campos semânticos diferentes, tensão essa que, se bem-sucedida, gera um sentido novo e duradouro (p.85).

Alguns estudiosos, como Sabucedo et al. (2020), afirmam que metáfora de guerra ou de limpeza, que também foi muito recorrente no contexto pandêmico, não conduzem a um entendimento positivo da situação pandêmica porque, ao sugerir que estamos em guerra, outros fatores ativados no indivíduo o levam a ter comportamentos individualistas, como no caso de estocar alimentos e até mesmo itens de higiene como ironizado por alguns memes.

Carvalho et al., em seu artigo *Metáforas de um vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica*, apresentam uma série de metáforas que estão associadas à Covid. Ao expor cada uma delas, como a metáfora da libertação ou a do mascarado, nos fazem pensar que Lakoff e Johnson (2002) estavam certos ao afirmarem que elas estão infiltradas em nosso cotidiano, no entanto, temos que vê-las com racionalidade e não apenas com subjetividade porque nem sempre essas associações representam algo positivo, principalmente, quando criam e materializam representações únicas. Isso é reforçado se pensarmos que fomos levados a compreender aquele momento por meio delas, já que de todos os lados nos fizeram agir como se estivéssemos em uma guerra. As metáforas são ferramentas centrais nos processos de subjetivação da pandemia, do vírus que a causa e da doença que ela materializa (CARVALHO et al., 2020).

Para Sontag (1984), a redução de uma doença à metáfora gera preconceitos. No caso da Covid, o vírus pode ser relacionado ao inimigo no campo de batalha, um inimigo mortal; a guerra foi associada a todos que estavam no ‘campo lutando’, inclusive, no início da pandemia, os profissionais da saúde foram denominados de guerreiros. Havia também preconceito em relação aos infectados que muitas vezes foram vistos como descuidados, aqueles que deveriam ficar isolados, sujeitos a contaminar outros indivíduos.

Com todos esses itens correlacionados em um campo lexical do que seja pandemia e guerra, criou-se uma rede em que a única saída era tentar se salvar. Nesse sentido, não se sabe se algumas medidas muito utilizadas surtiram resultados, como deixar os sapatos do lado de fora de casa, lavar compras com água sanitária e outras práticas, uma vez que estando em uma ‘guerra’ não cabem discussão ou questionamentos.

Considerações Finais

Ao retomar o objetivo desta pesquisa, recuperar metáforas associadas ao contexto de guerra ou bélico utilizadas no período de pandemia, a fim de verificar se o seu emprego construiu representações coletivas da realidade ou dissimulação de práticas, concluímos que a retórica em torno do tema mais discutido em 2020 encaminhou-se para uma metáfora bélica

cujo inimigo era o vírus da Covid. Nesse sentido, os discursos analisados construíram representações coletivas de que estávamos em uma guerra. A maioria da população por desconhecer o que seria esse evento, munuiu-se de inúmeros recursos para enfrentá-lo; no início, a munição foi o papel higiênico e o álcool, depois, em 2021, a vacina. Observamos também que a metáfora de guerra seguiu duas direções, uma questionava qual país venceria a guerra da vacina e outra qual venceria a guerra contra o vírus. Logo, as metáforas foram se subdividindo de acordo com os interesses de cada momento. Se considerarmos a afirmação de Lakoff e Johnson (2002) de que as metáforas, na forma de conceitos, podem governar as atividades mais triviais, podemos refletir até que ponto as pessoas conseguiram agir por conta própria ou foram sendo direcionadas por discursos divulgados nas mídias e redes sociais por se sentirem de fato em uma luta de vida e de morte. Ao realizar as análises, percebemos que o emprego reiterado da palavra *guerra* contribuiu para dissimular situações em termos de outras, levando até mesmo a um falso entendimento dos fatos, o que pode ter conduzido as pessoas a agirem em dadas direções por julgarem estarem vivendo uma guerra.

A análise revelou também um contraste entre o emprego da metáfora de guerra por um lado e a modalização das estruturas linguísticas, por outro, o que gerou certa ambiguidade discursiva, porque tanto apontava para a guerra como modalizava essa ação.

Na concepção de Sabucedo et al. (2020), a metáfora de guerra utilizada por inúmeros países, mídias e cidadãos gerou ações desproporcionais por parte da população como se estivesse mesmo em guerra, embora tenhamos conhecimento de que, no caso do Brasil, nos tempos contemporâneos, não houve guerra e que não se saberia como seria esse evento em sua real complexidade. Para os autores, se faz necessário destacar que a metáfora de guerra fere princípios da ação democrática e não estimula o cuidado mútuo, a empatia e a solidariedade da sociedade. Pontos importantes, principalmente, se retomarmos os momentos em que vários itens de alimentação e de limpeza sumiram das prateleiras porque as pessoas acreditaram que estavam em guerra. Logo, percebe-se que a metáfora contribuiu para o entendimento da situação, mas por vezes, de forma distorcida, porque esse evento não faz parte da rotina dos brasileiros.

É certo que em muitos casos as metáforas dissimulam a realidade e dizem uma coisa por meio de outra, mas embora saibamos da situação limite vivenciada, talvez a palavra guerra e todo o seu campo semântico pudessem ter sido substituídos por outros elementos que abrangessem ações mais humanitárias e menos individualistas. Foi perceptível o uso das metáforas com intuito político em forma de ações positivas e negativas. Outro aspecto a

observar, no contexto de guerra, é a obediência aos governantes. Nesse quesito, no Brasil e no mundo, houve muitas divergências, pois até os 'líderes' não sabiam como agir e reagir, ou seja, era uma 'guerra', mas com 'comandantes' em vários níveis com discursos e ações em linhas diversas e antagônicas.

Por fim, retomamos o panóptico de Foucault (2009), ao ver que não só o inimigo nos observava, mas também os vizinhos e até as autoridades, uma vez que estávamos em guerra, não podíamos ir ao parque, andar nas ruas e exercer atividades mínimas. Isso pode levar ao que o autor propõe em seu livro em relação à docilidade e ao controle dos corpos pelas autoridades e por outros cidadãos que também se julgam aptos a vigiar. Há ainda de pensar nas consequências físicas e psicológicas das pessoas depois de longo tempo vivendo em isolamento, como a depressão, a ansiedade e até mesmo outros tipos de doenças, pois evitavam ir ao médico por receio de contaminação. Portanto, reiteramos o poder da linguagem como instrumento de mudança social, mas, no caso da análise, de controle discursivo de dada prática social.

Referências

- BUTT, D. et al. *Using functional grammar: an explore's guide*. Sidney: Macquararie University, 2001.
- CARVALHO, M; LUZ, A. C. da R.; PAULINO, B. R.; FERREIRA, C. C. I. Metáforas de um vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica. *Dossiê. Psicologia & Sociedade*, 32, e020005. ISSN 1807-0310. 2020. Disponível em: 240308_Metáforas.indd (scielo.br). Acesso em: 20 de nov.2021.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2.ed. Tração Izabel Magalhaes. Brasília: Editora UnB. 2016.
- _____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009. (Original publicado em 1987)
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: EDUC / Mercado de Letras, 2002.
- LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, C; BASSO, R. *Semântica, Semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

MCCABE, D. Curiouser and curiouser!: Organizations as Wonderland – a metaphorical alternative to the rational model. *Human Relations*, 69(4), 945–973. <https://doi.org/10.1177/0018726715618453>. 2016.

SABUCEDO, J. M.; ALZATE, M.; HUR, D. COVID-19 e a metáfora da guerra. *International Journal of Social Psychology*, v. 35, n. 3, p. 618-624, 2020. DOI: 10.1080/02134748.2020.1783840, 2020. Disponível em: International Journal of Social Psychology | Taylor & Francis Online (tandfonline.com). Acesso em: 10 jan. 2022.

SOARES, N. M. M. *Gêneros textuais em foco*. Argumentação em textos opinativos. Appris: Curitiba, 2016a.

SOARES, N. M. M. Do signo visual à metáfora multimodal. *Recorte – revista eletrônica*, v. 13, n. 2, jul.; dez., 2016b. ISSN 1807-8591 Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR.

SONTAG, S. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. 8.ed. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 2009.

VILELA, LM. *Metáforas do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Almedina. 2002.